

1Pedro

Introdução
e comentário

Wayne Grudem



·SÉRIE CULTURA BÍBLICA·  VIDA NOVA

SUMÁRIO

Prefácio geral.....	9
Prefácio do autor	11
Reduções.....	15
Mapa: A circulação de 1Pedro.....	21

Introdução

Autor	23
Local de composição	34
Data	37
Destino e leitores	38
Propósito	40
Natureza e possíveis fontes de 1Pedro.....	40
Temas proeminentes em 1Pedro.....	44

Esboço	45
---------------------	----

Comentário	49
-------------------------	----

Notas adicionais

As recompensas da nova aliança (1.4)	62
“O tempo e as circunstâncias” ou “pessoa ou tempo”? (1.11)	75
O lugar de habitação de Deus (2.5)	104
Eleição e reprovação nas Escrituras (2.8)	109
Cristo “carregou nossos pecados até a cruz”? (2.24).....	133

Apêndice

A pregação de Cristo por intermédio de Noé: 1Pedro 3.19,20 da perspectiva de temas dominantes na literatura judaica	201
--	-----

Notas adicionais

Podemos pressupor que os leitores de Pedro conheciam 1Enoque?.....	218
---	-----

PREFÁCIO GERAL

Os primeiros comentários Tyndale tinham como objetivo auxiliar o leitor comum da Bíblia. Eles se concentravam no sentido do texto sem se aprofundar em aspectos técnicos e acadêmicos. Procuravam evitar os extremos de serem técnicos demais ou concisos a ponto de perderem a utilidade. A maioria dos que usaram os livros concorda que esse objetivo foi consideravelmente atingido.

Mas os tempos mudam. Uma série que foi tão útil por tanto tempo pode já não ser tão relevante como na época em que foi lançada. Novos conhecimentos surgiram. A discussão de questões críticas evoluiu. Os hábitos de leitura da Bíblia mudaram. Quando a série foi iniciada, era possível presumir que a maioria dos leitores de língua inglesa usava a Versão Autorizada (King James), de modo que os comentários podiam ser escritos com base nela, mas tal cenário já não se mantém.

Não foi fácil tomar a decisão de revisar e atualizar toda a série, mas no fim achamos que isso seria necessário na atual situação. Hoje há outras necessidades, e elas serão mais bem atendidas por novos livros ou por uma completa atualização dos livros antigos. O objetivo da série original permanece inalterado. Os novos comentários não são nem minúsculos nem longos demais. São mais exegéticos que homiléticos. Não abordam todas as questões críticas, mas nenhum dos comentários foi escrito sem que se tivesse consciência dos problemas que mobilizam a atenção dos estudiosos de Novo Testamento. Quando se percebe que tais questões devem receber um tratamento mais formal, elas são discutidas na introdução e, às vezes, em notas adicionais.

No entanto, a índole principal desses comentários não é de natureza crítica. Eles foram escritos para ajudar o leitor sem conhecimentos técnicos a entender melhor a Bíblia. Eles não pressupõem conhecimento de grego, e todas as palavras gregas são transliteradas, mas os autores têm o texto grego diante de si e seus comentários são feitos com base nos originais. Cada autor tem liberdade para escolher sua tradução da Bíblia, mas lhes pedimos que levassem em conta as várias traduções atualmente utilizadas.

A exemplo de sua antecessora, a nova série de comentários Tyndale prossegue na esperança de que Deus, em sua graça, use esses livros para ajudar o leitor comum a compreender o mais completa e claramente possível a mensagem do Novo Testamento.

Leon Morris

INTRODUÇÃO

1. Autor

a. Evidências na carta

O autor se identifica pelo nome nas primeiras palavras da carta: “Pedro, apóstolo de Jesus Cristo”. Isso é compatível com a prática de outros autores no Novo Testamento (cf. as palavras introdutórias de Paulo, Tiago, João e Judas; veja também 2Pe 1.1).

Embora apresentemos mais adiante outras evidências da autoria petrina, deve-se observar desde o início que, mesmo com apoio apenas histórico, essa declaração confirma que a carta, desde que começou a circular na igreja, era conhecida e aceita como produto da autoria de Pedro.

Em 1Pedro 5.1, o autor apresenta outro indício, pois refere-se a si mesmo como “testemunha dos sofrimentos de Cristo”. Essa declaração é compatível com a presença de Pedro no julgamento de Jesus (Mt 26.58, 67-69; Mc 14.54; Lc 22.54,61). Isso também significa que 1Pedro 2.23 pode ser a lembrança de uma testemunha ocular: “... ao ser insultado, não retribuía o insulto, quando sofria, não ameaçava, mas entregava-se àquele que julga com justiça”.

Por fim, 1Pedro 5.13 aponta para dois fatos coerentes com a autoria de Pedro. O texto diz: “Aquele que é coeleita convosco, que está na Babilônia, vos cumprimenta, como também meu filho Marcos”. Se compreendermos “Babilônia” como uma referência a Roma (veja o comentário sobre 5.13), este versículo se harmoniza com dados da igreja primitiva que colocam Pedro em Roma no final de sua vida e vinculam Pedro a Marcos (veja adiante).

b. Evidências fora da carta

Uma antiga evidência da autoria de 1Pedro se encontra em 2Pedro 3.1, onde o autor se refere ao seu texto como “a segunda carta que vos escrevo”.¹

¹Zahn, p. 194-8, argumenta que 2Pedro 3.1,2 não pode se referir ao conteúdo de 1Pedro, mas, sim, a outra carta de Pedro com conteúdo semelhante a 2Pedro. Essa visão, porém, baseia-se em uma interpretação bem limitadora de 2Pedro 3.2, que de maneira

Um pouco antes, o mesmo autor afirma ser Pedro (2Pe 1.1, 16-18). Quer se acredite que Pedro escreveu 2Pedro,² quer não, 2Pedro 3.1 pode ser entendido como um testemunho bastante antigo de que uma carta ainda mais antiga, que se afirmava de Pedro (e amplamente aceita como tal), era conhecida e estava em circulação na época em que 2Pedro foi escrita.

Neste comentário, parto do princípio da autoria petrina de 2Pedro (pois esta é minha posição pessoal) e, portanto, cito 2Pedro como exemplo paralelo de temas e vocabulário em diversos pontos. Ademais, qualquer que seja a posição que se adote sobre a autoria, 2Pedro serve para ilustrar o uso do grego na comunidade cristã no fim do primeiro século d.C. ou início do segundo.

A mais antiga citação inequívoca de 1Pedro fora do Novo Testamento encontra-se em Policarpo (m. 155 d.C.), em sua *Epístola aos filipenses*. Policarpo cita 1Pedro diversas vezes: por exemplo, em 1.3, “em quem, sem vê-lo, credes com alegria inexprimível e gloriosa” (cf. 1Pe 1.8); em 2.1, “não devolvendo mal com mal nem ofensa com ofensa” (cf. 1Pe 3.9); e em 8.1, “que carregou nossos pecados em seu próprio corpo no madeiro, não cometeu pecado, nem foi achado engano em sua boca” (cf. 1Pe 2.24,22).

Embora os escritos de Papias (m. 130 d.C.) tenham se perdido, Eusébio comenta que Papias “utilizava citações” da carta de Pedro.³

O primeiro escrito ainda existente que cita Pedro pelo nome é de autoria de Ireneu, *Contra heresias* (182-188 d.C.):⁴ “Pedro diz em sua epístola: a quem, sem tê-lo visto, amais; em quem, sem vê-lo agora, credes, exultais com alegria indizível” (cf. 1Pe 1.8).

geral significa “recordar os textos do Antigo Testamento e os ensinamentos apostólicos”, algo que certamente poderia se aplicar a 1Pedro como a igreja primitiva acreditava ser o caso.

²Veja mais argumentos em defesa da autoria petrina de 2Pedro na abrangente discussão em Michael Green, *2Peter and Jude* (Leicester: IVP, 1987), p. 19-74 [edição em português: *II Pedro e Judas: introdução e comentário* (São Paulo: Vida Nova, 1983)]; também Guthrie, *NTI*, p. 814-63 e 671-84.

³HE 3.39.17.

⁴*Contra heresias* 4.9.2 [edição em português: Ireneu de Lião, *Contra as heresias*, 2. ed. (São Paulo: Paulus, 1995)]; Ireneu também cita Pedro pelo nome em 4.16.5. Uma lista exaustiva de outras citações, algumas precisas, outras apenas possíveis (ou até improváveis), pode ser encontrada em Bigg, p. 7-15. As citações mais inequívocas se tornam mais frequentes após Ireneu.

Parece que na igreja primitiva não restava dúvida de que 1Pedro foi escrita pelo apóstolo Pedro.⁵ Escrevendo em 325 d.C., Eusébio inclui 1Pedro entre os livros amplamente aceitos como parte do Novo Testamento.⁶ Em todos os lugares onde circulou, o texto foi reconhecido como autêntico.

c. O papel de Silvano (5.12)

A questão da autoria complica-se um pouco em face de 1Pedro 5.12, que diz: “Por intermédio de Silvano, que considero nosso fiel irmão, escrevo de forma abreviada, exortando e testemunhando que esta é a verdadeira graça de Deus; nela permanecei firmes”.

Muitos chegaram à conclusão de que esse versículo indica que Silvano era o secretário ou “amanuense” que registrou ou escreveu a carta sob orientação de Pedro (veja, por exemplo, Selwyn, p. 11–7, e a resposta de Beare, p. 212–6).

Essa frase, porém, não oferece muito respaldo à visão de que Silvano participou da composição da carta em si. O trecho grego traduzido por “escrever a alguém por intermédio de outra pessoa” não se encontra em nenhum outro lugar com o claro sentido de “ditar uma carta com a ajuda de outra pessoa”. Kümmel observa: “Ninguém jamais provou que *graphō dia tinōs* pode significar ‘autorizar outra pessoa a compor um texto’”.⁷ No entanto, encontramos exemplos claros onde essa mesma construção em grego é utilizada para designar o mensageiro que leva a carta para alguém; veja, por exemplo, Atos 15.23 (texto grego: “pelas mãos deles [Judas e Silas]”).⁸

Além disso, o fato de Pedro se referir a Silvano com as palavras *que considero nosso fiel irmão* é forte indício de que Silvano era o portador da carta. Tal

⁵1Pedro não é mencionado no Cânon Muratoriano (aprox. 170 d.C.), mas também não são incluídos Hebreus, Tiago ou 2Pedro, provavelmente em virtude de uma corrupção textual nesse ponto. Veja B. F. Westcott, *A general survey of the history of the canon of the New Testament* (London: Macmillan, 1896), p. 222–3.

⁶HE 3.25.2 [edição em português: Eusébio de Cesareia, *História eclesiástica* (São Paulo: Paulus, 2000)].

⁷W. G. Kümmel, *Introduction to the New Testament*, ed. rev., tradução para o inglês de H. C. Kee (Nashville: Abingdon, 1975), p. 424 [edição em português: *Introdução ao Novo Testamento*, 2. ed. (São Paulo: Paulus, 1997)].

⁸Entre outros exemplos dessa construção que designa o mensageiro encontram-se, de Inácio, *Romanos* 10.1; *Filipenses* 11.2; *Esmirna* 12.1; e os subscritos (na tradição do Texto Bizantino) de muitas cartas de Paulo (Rm, 1 e 2Co, Ef, Fp, Cl, Fm): veja os subscritos no texto grego de Nestle-Aland, e a abordagem de F. H. Chase, *HDB* 3, p. 790.

expressão não teria função alguma se Silvano fosse apenas o secretário, mas seria extremamente adequada como recomendação pessoal se ele fosse o portador (observe-se que Paulo recomenda de forma semelhante os portadores de suas cartas em 1Co 16.10,11; Ef 6.21,22; Cl 4.7-9; Tt 3.12,13). Embora Tércio faça menção de si mesmo em Romanos 16.22, nenhum autor do Novo Testamento menciona ou recomenda de forma inequívoca um amanuense.

Portanto, a expressão “através de Silvano” ou “por meio de Silvano” (RSV [e ARC], *por Silvano*), ainda que isolada, está provavelmente designando Silvano como o portador da carta, e sua recomendação como *fiel irmão*, a exemplo de muitas outras recomendações de mensageiros em cartas do Novo Testamento, torna muito provável que ele tenha levado a carta de Pedro a seus destinatários.

Se admitirmos que 5.12 designa Silvano como o portador da carta, então a teoria do amanuense deve ser considerada simplesmente uma teoria sem nenhum respaldo de dados históricos. Pois, se 5.12 define Silvano como o portador da carta, não resta nada em 5.12 que também o defina como amanuense, nem se encontram em parte alguma dados históricos que indiquem ter ele cumprido essa função.

O melhor é concluir que não há nenhuma evidência segura na carta que indique que Silvano tenha desempenhado algum papel em sua composição. A autoria de Pedro, o apóstolo, significa simplesmente que o próprio Pedro escreveu a carta.

d. Objeções à autoria petrina

Embora muitos dos principais comentários sustentem a autoria petrina de 1Pedro,⁹ diversas objeções têm sido levantadas contra as evidências de dentro e de fora da carta acima mencionadas. Tais objeções parecem convincentes para alguns comentaristas (como Beare e Best) que negam a autoria petrina. Na realidade, Beare diz: “Não pode haver a menor dúvida de que ‘Pedro’ é um pseudônimo” (p. 29).

As quatro objeções à autoria petrina apresentadas a seguir são listadas por Kümmel,¹⁰ e uma exposição mais extensa dessas objeções pode ser encontrada na introdução ao comentário de Beare (p. 28-50) e em Best (p. 49-63).

⁹Entre os comentaristas que sustentam a autoria petrina encontram-se Hort, Bigg, Selwyn, Stibbs-Walls, Cranfield e Blum. Kelly (p. 32-3) é neutro. Veja defesas mais extensas da autoria petrina em Guthrie, *NTI*, p. 773-90, e Stibbs-Walls, p. 15-68. Muitos que defendem a autoria petrina creditam a Silvano uma grande influência no estilo do texto grego.

¹⁰*Introduction to the New Testament*, p. 423-4.

1. *O grego é bom demais e não pode ser de Pedro.* Argumenta-se que o estilo elegante e até meio sofisticado da carta não poderia ser de um pescador galileu como Pedro, um homem qualificado em Atos 4.13 como “sem erudição” [NVI, “sem instrução”]. Ademais, Marcos é mencionado em Eusébio¹¹ (também em Ireneu¹²) como “intérprete” (*hermēneutēs*) de Pedro. Argumenta-se que alguém que precisasse de um “intérprete” não poderia ser muito fluente em grego. Beare escreve sobre Pedro: “É simplesmente impensável que ele pudesse se transformar em um mestre em prosa grega” (p. 47).

2. *1Pedro reflete dias posteriores à morte de Pedro*, um período de intensa perseguição jamais visto antes das perseguições sob Domiciano (95 d.C.) ou Trajano (c. 112 d.C.). Pedro, contudo, morreu sob Nero durante a perseguição local de cristãos em Roma, entre os anos 64 e 68.

3. Afirma-se que 1Pedro tem uma *teologia tão paulina* que não pode ter origem no apóstolo Pedro e revela excessiva influência dos escritos de Paulo.

4. O autor de 1Pedro não demonstra *sinais de familiaridade com a vida terrena de Jesus* e dá pouca ou nenhuma atenção aos ensinamentos de Jesus naquilo que escreve. Esse quadro, porém, seria improvável em relação a Pedro, que acompanhou Jesus em seu ministério na terra.

Essas quatro objeções podem ser consideradas na ordem acima apresentada.

1. O grego é tão bom que Pedro não pode tê-lo escrito

É verdade que 1Pedro foi escrito em um grego muito bom. Seu autor domina um extenso vocabulário e demonstra capacidade para usar com eficiência uma ampla variedade de formas verbais e estruturas sintáticas.¹³ Mas a qualidade estilística pode ser superestimada: observem-se as alegações de Nigel Turner sobre as diversas partes com deficiências de estilo e afastamento dos padrões literários mais elevados em 1Pedro.¹⁴ Pode-se dizer que o grego é excelente, mas afirmar que é uma obra prima de literatura é provavelmente um exagero. Ainda assim, persiste a dúvida: Será que Pedro poderia ter escrito em grego com tamanha qualidade?

¹¹HE 3.39.15.

¹²Contra heresias, 3.1.1 e 3.10.6.

¹³Veja a análise de estilo de F. H. Chase em HDB 3, p. 781-2; veja MHT 2, p. 26-7.

¹⁴MHT 4, p. 127-30.

a. Pedro era analfabeto ou precisava de um tradutor?

A palavra *agrammatos*, “iletrado”, é usada em Atos 4.13 em referência aos apóstolos Pedro e João. Os membros do Sinédrio perceberam que eles eram “homens simples e *sem erudição*” e ficaram admirados com a coragem e a sabedoria com que se defenderam. Isso significa que Pedro era incapaz de ler ou escrever?

A palavra *agrammatos* pode, às vezes, significar “iletrado, incapaz de ler ou escrever”, mas também pode significar “sem instrução formal”¹⁵ e, em Atos 4.13, facilmente teria uma nuance próxima do sentido de *idiotēs*, “homem comum, leigo, não especializado”. Além disso, o Sinédrio não teria como deduzir se Pedro e João sabiam ou não ler e escrever apenas com base numa rápida inquirição verbal, nem era esse o motivo de terem ficado admirados. O motivo da perplexidade era que pessoas sem instrução rabínica formal pudessem argumentar por conta própria com especialistas eruditos da nação, os quais, recordando como Jesus havia lidado com eles de forma semelhante, “reconheceram que eles haviam convivido com Jesus” (At 4.13b; veja Jo 7.15). Portanto, é melhor concluir que Atos 4.13 significa que Pedro e João “não possuíam instrução formal”, aparentemente porque não haviam estudado sob orientação dos rabinos.

Com respeito às referências a Marcos atuando como “intérprete” de Pedro, deve-se observar que *hermēneutēs*, “intérprete”, nem sempre significa “alguém que traduz um idioma estrangeiro”, mas também pode significar “expositor”,¹⁶ ou “alguém que explica um ensinamento”. O verbo relacionado, *hermēneuō*, assume esse sentido na leitura variante em Lucas 24.27 (Jesus *interpretou para* eles o que constava a seu respeito em todas as Escrituras); também em Josefo¹⁷ (“interpretando” as Escrituras). Em Clemente de Alexandria,¹⁸ Moisés é chamado de “intérprete” (*hermēneus*) das leis sagradas.

As passagens mencionadas para alegar que Pedro precisava de um tradutor fazem parte de contextos onde se discute o Evangelho de Marcos, e nesses casos ajudaria dizer que Marcos estava explicando ou expondo a mensagem do evangelho segundo Pedro, e este é o sentido que devemos dar a essas passagens.

¹⁵Veja BAGD, p. 13, e referências ali citadas.

¹⁶LSJ, p. 690 (cf. a entrada sob a grafia alternativa *hermēneus*); também Lampe, p. 549.

¹⁷Ant. 20.264.

¹⁸*Stromata* 1.22 (final).

b. Será que Pedro poderia ter bom conhecimento de grego?

Ainda que cheguemos a conclusão de que Pedro não era iletrado e que, portanto, não precisava de um tradutor, a dúvida permanece: qual o nível de conhecimento da língua grega que ele poderia ter? Para responder a essa pergunta precisamos conhecer o nível de grego falado pelos judeus na Palestina no primeiro século da era cristã.

Quando Alexandre, o Grande, conquistou a Palestina em 332 a.C., iniciou-se um processo de “helenização” (a imposição da cultura e do idioma gregos a povos não gregos) que continuou pelos quatro séculos seguintes. Assim, na época em que Pedro escreveu, a influência grega na Palestina já somava quase quatrocentos anos.

Havia muitas cidades gregas, especialmente na Galileia e na região que a cercava. A cidade costeira de Jope havia sido um centro de influência grega por muitos anos. As dez cidades gregas conhecidas como “Decápolis” podiam ser alcançadas em pouco tempo de viagem. Além disso, cidades mais novas como Cesareia (capital administrativa da Judeia), Antipátride, Sebaste (antiga Samaria), Neápolis, Tiberíades (no mar da Galileia) e Cesareia de Filipe eram quase inteiramente gregas, povoadas principalmente por não judeus, cujo idioma do dia a dia era o grego.

São abundantes as evidências do uso do grego na Palestina. Centenas de ossuários judeus (receptáculos de pedra) foram encontrados em Jerusalém e cercanias, todos datando do primeiro século d.C. ou de antes. Ainda assim, “Das inscrições em ossuários em Jerusalém mencionadas por Frey, 97 estão em hebraico ou aramaico, 64 em grego e há 14 bilíngues”.¹⁹ Esses ossuários são de grande importância, pois é provável que os parentes, ao escrever no receptáculo de pedra o nome da pessoa falecida, usassem o idioma que conhecessem melhor ou o idioma em que geralmente se dirigiam à pessoa.

Uma grande placa da entrada do templo em Jerusalém, escavada no século 19 e datada de antes de 70 d.C., alertava que os não judeus não deviam passar daquele ponto. A inscrição foi feita apenas em grego.²⁰ Logicamente, é possível argumentar que tal inscrição não prova que os judeus falavam grego, pois se destinava a não judeus que viviam em Jerusalém. Isso é verdade. Entretanto, ela indica que o grego era visto como um idioma que

¹⁹J. N. Sevenster, “Do you know Greek? How much Greek could the first Jewish Christians have known?”, *NovTSup* 19 (Leiden: Brill, 1968), p. 146.

²⁰Veja a fotografia em *CJJ*, 1400, vol. 2, p. 329.

pelo menos todos os gentios em Jerusalém liam e entendiam. Portanto, se os judeus em Jerusalém falavam com os gentios (o que certamente acontecia no dia a dia), é provável que fossem fluentes em grego.

Ainda mais extraordinária é a inscrição encontrada na parede de uma sinagoga em Ofel, colina ao sul da área do templo em Jerusalém. A inscrição foi escrita apenas em grego, e nela se lê:

Theodotos, filho de Vettenos, sacerdote e *archisynagogos* [chefe da sinagoga], filho de um *archisynagogos*, neto de um *archisynagogos*, construiu a sinagoga para a leitura da lei e para o ensino dos mandamentos; além desta, o alojamento, os quartos e as instalações de água para a hospedagem de pessoas necessitadas que venham de fora. A pedra fundamental foi lançada por seus pais, pelos anciãos e por Simonides.²¹

O fato de uma placa comemorativa na parede de uma sinagoga em Jerusalém ser escrita em grego, imortalizando assim o trabalho do chefe da sinagoga, que era tanto sacerdote (supostamente no templo em Jerusalém) quanto filho e neto de chefes da sinagoga, demonstra como, na época do Novo Testamento ou mesmo antes, o uso do idioma grego havia chegado ao centro do judaísmo na Palestina. Tudo isso indica que seria natural que Pedro tenha usado o grego por mais de trinta anos na igreja em Jerusalém (bem como antes na Galileia, ainda mais permeada pelo idioma grego) e conhecesse bem a Septuaginta, tradução grega do Antigo Testamento (como indicam as citações do Antigo Testamento em 1Pedro).

Decretos e proclamações públicos também eram escritos em grego e exibidos onde pudessem ser vistos por todos.²²

Uma passagem do Talmude Babilônico parece indicar um extenso conhecimento de grego na Palestina, na escola de Gamaliel no primeiro século d.C.: “Vede, o rabino Judá disse que Samuel declarou em nome do rabino Simeão ben Gamaliel [...] havia mil discípulos na casa de meu pai, quinhentos estudavam a Torá e quinhentos estudavam a sabedoria grega”.²³

²¹Veja a fotografia e a transcrição em *CJJ*, 1404, vol. 2, p. 333; a tradução aqui transcrita foi extraída da obra de E. Sukenik, *Ancient synagogues in Palestine and Greece* (London: British Academy, 1934), p. 70.

²²Veja em Sevenster, op. cit., p. 117-21, discussão sobre uma placa de mármore de Nazaré.

²³*Sotah* 49b.

Além disso, Josefo comenta que em seus dias “até mesmo escravos que assim o quisessem” podiam adquirir fluência em grego, e isso era “normal” para o homem livre comum.²⁴

Parece justo concluir que o idioma grego era bem conhecido e normalmente utilizado na Palestina do primeiro século. Isso era verdade mesmo em Jerusalém (embora o aramaico ainda fosse o idioma mais utilizado ali), mas principalmente na Galileia, onde Pedro cresceu cercado por cidades gregas e sob a influência de residentes e visitantes que falavam só grego.

Sevenster escreve:

Havia muitas regiões no território judaico que faziam fronteira com outras regiões onde o grego era o idioma principal ou até mesmo único. É óbvio que os habitantes de tais regiões ao menos entendiam grego e muitas vezes também falavam o idioma, sendo, portanto, bilíngues. Isso provavelmente se aplica a todos os níveis da sociedade, não apenas às camadas mais intelectualizadas ou à classe alta.²⁵

Joseph Fitzmyer faz uma afirmação parecida:

O grego era amplamente utilizado nessa época, não apenas nas cidades claramente helenizadas, mas também em muitas outras. Aliás, há sinais de que, em algumas regiões, os judeus da Palestina podem ter usado somente grego.

E acrescenta:

Sustento que o idioma mais comum na Palestina do primeiro século d.C. era o aramaico, mas muitos judeus da Palestina, e não apenas os que viviam nas cidades helenizadas, mas também agricultores e artesãos de regiões não tão helenizadas, usavam o grego, pelo menos como segundo idioma [...] na realidade, há indícios [...] de que alguns habitantes da Palestina falavam apenas grego.²⁶

²⁴ *Ant.* 20.263.

²⁵ Sevenster, op. cit., p. 99.

²⁶ “The languages of Palestine in the first century A.D.”, *CBQ* 32 (1970), p. 512, 531; veja C. E. D. Moule, “Once more, who were the Hellenists?”, *ExpT* 70 (1958-1959), p. 100-2; R. H. Gundry, “The language milieu of first-century Palestine”, *JBL* 83 (1964), p. 404-8; também P. E. Hughes, “The languages spoken by Jesus”, in: Richard Longenecker; Merrill Tenney, orgs., *New dimensions in New Testament study* (Grand Rapids: Zondervan, 1974), p. 127-43.

A. W. Argyle observa:

Insinuar que um garoto judeu criado na Galileia não sabia grego seria o mesmo que insinuar que um garoto galês criado em Cardife não sabe inglês. Se José e Jesus quisessem que sua carpintaria prosperasse, teriam satisfação em atender tanto clientes gentios quanto judeus. Portanto, precisariam falar tanto grego quanto aramaico para conversar com todos os clientes [...] Em comparação com o passado, hoje se admite mais prontamente que Jesus e seus discípulos, todos galileus (At 2.7), eram bilíngues e falavam tanto grego quanto aramaico.²⁷

Poderia alguém sem instrução formal ter aprendido a escrever em grego com qualidade suficiente para redigir 1Pedro? Se a falta desse tipo de instrução não foi um obstáculo insuperável para John Bunyan, latoeiro de Bedford que escreveu *O peregrino*, podemos supor que Pedro não tinha condições de escrever a carta que leva seu nome?

Aqueles que argumentam que grego não era o primeiro idioma de Pedro negligenciam o fato de que, em regiões bilíngues, como o País de Gales e cidades do Canadá onde se fala francês, é muito comum um alto nível de fluência em um segundo idioma. Também é possível, como demonstra o exemplo de Joseph Conrad (1857-1924), tornar-se um escritor extremamente bem-sucedido em um segundo ou até terceiro idioma. O primeiro idioma de Conrad era o polonês; o segundo, que aprendeu ainda jovem, foi o francês. Ele começou a aprender inglês somente aos 21 anos de idade, quando se tornou marinheiro em um navio britânico; ainda assim, seu romance *Lord Jim* é reconhecido como um clássico da literatura inglesa. Aqueles que negam que Pedro poderia ter escrito 1Pedro provavelmente considerariam “inconcebível” que um marinheiro polonês pudesse ter adquirido a fluência e a elegância do inglês dos romances e contos de Conrad, principalmente sem os benefícios de uma instrução formal. (Certa vez, ele disse: “Jamais abri uma gramática de inglês em minha vida”).²⁸ O fato de Conrad ter conseguido isso pode ser “inconcebível”, mas ele conseguiu. Tamanha realização é muitas vezes mais incrível do que o fato de um líder da igreja primitiva, em uma cultura integralmente bilíngue, ser capaz de escrever uma carta como 1Pedro. É inconcebível somente se não examinarmos com atenção as evidências.

²⁷“Greek among the Jews of Palestine in New Testament times”, *NTS* 20 (1974), p. 87-9.

²⁸*Encyclopaedia britannica*, edição de 1945, vol. 6, p. 278.

2. *A carta reflete uma época posterior à morte de Pedro*

Essa objeção parte da premissa de que 1Pedro reflete o ambiente da perseguição oficial do governo que se deu por todo o Império Romano. Essa premissa dificilmente pode ser justificada pelo texto em si. Na verdade, a instrução de Pedro com relação ao governo é simplesmente de submissão (1Pe 2.13,14) e de honra ao rei (1Pe 2.17). E ele não especifica nenhum tipo de sofrimento, mas avisa que seus leitores poderão ser afligidos por “várias provações” (1.6). Todas as demais menções de sofrimento em 1Pedro podem ser entendidas como instruções gerais dirigidas aos cristãos, onde quer que houvesse a possibilidade de perseguição localizada. Isso não seria nada incomum para o primeiro século na Ásia Menor. Desde a primeira propagação do evangelho, houve demonstrações de hostilidade e até de oposição violenta em muitos lugares (veja mais detalhes no comentário de 4.12).²⁹

Por conseguinte, não se pode afirmar que a carta reflete claramente um período posterior à morte de Pedro, mas ela se encaixa perfeitamente em um contexto que perdurou durante toda a vida do apóstolo.

3. *1Pedro é tão paulina que não pode ter sido escrita por Pedro*

Essa objeção pressupõe necessariamente uma divergência de opiniões, ou mesmo conflito, entre as ideias paulinas e petrinhas sobre o cristianismo. Essa visão tem sido amplamente criticada por muitos e não é necessário tratá-la em detalhes aqui.³⁰

Pelo contrário, seria bastante surpreendente que uma carta escrita já perto do fim da vida de Pedro não revelasse muitas semelhanças de pensamento, e até de vocabulário, com algumas cartas de Paulo. Se confiarmos nas tradições históricas relatadas por Eusébio e Tertuliano (veja abaixo), então Pedro, perto do fim da vida, ensinava com Paulo em Roma. Além disso, Silvano (também conhecido como Silas), que Pedro afirma ser o mensageiro que levaria sua carta (1Pe 5.12), havia auxiliado e acompanhado Paulo em suas viagens por muitos anos. Isso também indica um vínculo estreito entre os dois apóstolos. Se necessário, podemos apresentar outros detalhes (veja em Stibbs-Walls, p. 39-48, uma discussão bastante útil), mas aqui basta observar

²⁹C. E. D. Moule, “The nature and purpose of 1Peter”, *NTS* 3 (1956-1957), p. 7-9, mostra a correspondência entre referências a perseguições em 1Pedro e referências semelhantes no restante do Novo Testamento.

³⁰Veja D. A. Carson, “Unity and diversity in the New Testament: the possibility of systematic theology”, in: D. A. Carson; J. D. Woodbridge, orgs., *Scripture and truth* (Grand Rapids: Zondervan; Leicester: InterVarsity, 1983), p. 71-2, com notas de outras obras.

que as afinidades com os textos de Paulo pesam mais a favor da autoria de Pedro do que contra ela.

4. *1Pedro não apresenta sinais de familiaridade com a vida terrena de Jesus*

O grande ponto fraco dessa objeção é que ela não dá a devida importância à diferença entre um evangelho e uma breve carta. Pedro não estava escrevendo para recordar diversos detalhes da vida terrena de Jesus, mas para dar instruções a seus leitores sobre situações específicas que eles estavam vivendo. Com relação à perseguição, Pedro certamente emprega o exemplo de Cristo (2.21-23; 3.18; 4.1,2,13; 5.1). Essas alusões recorrentes aos sofrimentos de Cristo se aplicam de forma específica e adequada à situação dos leitores. Não seria preciso dar outros detalhes, principalmente se Pedro estivesse partindo da premissa de que os elementos dos relatos dos evangelhos já eram bem conhecidos.

Concluindo, as objeções à autoria de Pedro permanecem sem força de convencimento.³¹ Não existem evidências irrefutáveis que nos impeçam de aceitar aquilo em que toda a igreja primitiva cria e que a própria carta afirma claramente, a saber, que 1Pedro foi escrita pelo apóstolo Pedro.

2. Local de composição

Em 1Pedro 5.13, Pedro diz: “Aquele [...] que está na Babilônia, vos cumprimenta, como também meu filho Marcos”. Pedro dificilmente estaria se referindo à antiga cidade da Babilônia na Mesopotâmia, capital do Império Babilônico, pois, no primeiro século, tratava-se de um lugar pequeno e pouco conhecido. Não há nenhum indício de que Pedro, ou Pedro e Marcos, a tenham visitado. Também não há indícios de que lá existisse uma igreja cristã naquela época. Diodoro da Sicília (escrevendo entre 56-36 a.C.) diz:

³¹Guthrie, *NTI*, acrescenta outro importante ponto. Se o autor estava usando o nome de Pedro como pseudônimo, parece impossível absolvê-lo da acusação de fraude intencional (p. 787-8). Aqueles que argumentam que textos pseudônimos eram um estilo literário comum aceito no primeiro século não foram capazes de contestar a demonstração de Guthrie de que essa prática não se aplicava a cartas pessoais (p. 671-84). Ele observa que, se alguém realmente escreveu sob o pseudônimo de Pedro, não se pode conceber nenhum motivo cabível que não envolva a intenção de enganar (p. 788).

Quanto aos palácios e outros edifícios, o tempo os obliterou totalmente ou os deixou em ruínas. O fato é que apenas uma pequena área da Babilônia ainda é habitada, e a maior parte dentro de seus muros se destina à agricultura.³²

De modo semelhante, Estrabão (m. 19 d.C.) escreve:

A maior parte da Babilônia está tão deserta que ninguém hesitaria em dizer [...] a Grande Cidade é um grande deserto.³³

No entanto, em outros textos do Novo Testamento, o nome “Babilônia” é usado com referência a Roma (veja Apocalipse 16.19; 17.5; 18.2; e observe 17.9 como identificação das “sete colinas” de Roma). Assim como a Babilônia do Antigo Testamento havia sido o centro do poder mundial e de oposição ao povo de Deus, também Roma, no tempo do Novo Testamento, era o centro de um sistema mundial de vida e governo que se opunha ao evangelho. Ao se referir a Roma como “Babilônia”, Pedro estava evocando a figura da igreja como o novo povo de Deus ou o novo Israel, figura por ele utilizada ao longo de toda a carta (veja comentário em 2.10).

Além disso, existem dados históricos que dizem que, no fim da vida, Pedro estava em Roma.³⁴ Em 203 d.C., Tertuliano escreveu:

Visto que, além disso, estais tão perto da Itália, tendes Roma, de onde nos chega às mãos a autoridade dos próprios apóstolos. Como é feliz sua igreja, onde os apóstolos derramaram toda a doutrina deles juntamente com seu sangue! Onde Pedro suportou uma paixão semelhante à de

³²Diod. Sic. 2.9.9.

³³*Geografia* 16.1.5 (C738). Em *Geografia* 17.1.30 (C807), Estrabão menciona outra “Babilônia” perto de Mênfis, no Egito, junto ao rio Nilo, que servia de base militar para uma legião romana. Tal cidade, porém, é ainda mais obscura que a Babilônia da Mesopotâmia, e não há nenhum registro de influência cristã local no primeiro século. É extremamente improvável que Pedro estivesse se referindo a essa Babilônia sem fornecer mais detalhes no contexto de 1Pedro 5.13.

³⁴Leia a análise completa acerca de Pedro em Roma na obra de O. Cullmann, *Peter: disciple, apostle, martyr*, tradução para o inglês de F. Filson (London: SCM, 1953), p. 70-152 [edição em português: *Pedro, discípulo, apóstolo, martir* (São Paulo: ASTE, 1964)]. Uma análise mais recente das evidências, ainda que bem menos cuidadosa, pode ser encontrada na obra de Carsten Thiede, *Simon Peter: from Galilee to Rome* (Exeter: Paternoster, 1986), p. 171-94.

seu Senhor! Onde Paulo recebeu sua coroa em uma morte semelhante à de João!³⁵

Esse testemunho é complementado por Eusébio, que escreveu em 325 d.C., falando sobre Pedro e Paulo:

E quanto ao fato de que ambos foram martirizados na mesma época, Dionísio, Bispo de Corinto [c. 170 d.C.], afirma nessa passagem de sua correspondência com os romanos o seguinte: “Por tão grande admoestação firmastes os alicerces de romanos e coríntios lançados por Pedro e Paulo, pois ambos ensinaram juntos em nossa Corinto e foram nossos fundadores, e juntos também ensinaram na Itália no mesmo lugar e foram martirizados na mesma época”.³⁶

Eusébio dá continuidade à sua história com mais detalhes sobre Pedro e Paulo:

Pedro parece ter pregado para os judeus da Dispersão no Ponto, na Galácia, na Bitínia, na Capadócia e na Ásia. Depois disso, veio para Roma e foi crucificado de cabeça para baixo, pois escolheu sofrer assim. O que se precisaria dizer sobre Paulo, que levou o evangelho de Cristo de Jerusalém à Ilíria, sendo depois disso martirizado em Roma sob Nero? É exatamente isso o que declara Orígenes [m. 254 d.C.] no terceiro volume de seu comentário de Gênesis.³⁷

Por fim, Eusébio declara de modo inequívoco que Pedro escreveu sua primeira carta em Roma:

O bispo de Hierápolis, chamado Papias [c. 60-130 d.C.], [...] afirma que Pedro menciona Marcos em sua primeira epístola e que ele a compôs em Roma, o que, segundo dizem, o próprio Pedro indica, referindo-se à cidade metaforicamente como Babilônia com as palavras “a eleita na Babilônia vos cumprimenta, como também meu filho Marcos”.³⁸

³⁵*Contra heresias*, 36.

³⁶*HE* 2.25.8.

³⁷*HE* 3.1.2,3.

³⁸*HE* 2.15.2.

Esses testemunhos, considerados em conjunto, indicam que tanto Pedro quanto Paulo morreram durante a perseguição promovida pelo imperador Nero. Essa perseguição começou logo após o grande incêndio em Roma, em 64 d.C. (que a maioria acreditava ter sido iniciado por Nero, mas pelo qual ele culpou os cristãos e os perseguiu violentamente), e continuou até a morte de Nero (por suicídio) em 9 de junho de 68 d.C. Por isso, podemos concluir que o nome “Babilônia” na carta e as evidências históricas de que Pedro estava em Roma com Paulo já perto do fim da vida integram-se para indicar que 1 Pedro foi escrita em Roma.

3. Data

Já discutimos as propostas de datas posteriores à vida de Pedro (veja a seção sobre o “Autor”), mas se concordarmos que a carta foi escrita por Pedro, em que momento da vida ele a escreveu? É altamente improvável que a visão do governo civil que Pedro apresenta em 2.13-17, de forma geral positiva, pudesse ter sido escrita sem mais qualificações se a perseguição imposta por Nero já tivesse começado em Roma. A gravidade dessa perseguição,³⁹ aliada à opinião positiva quase incondicional sobre o governo em 2.13-17, mais as tradições sobre a morte de Pedro sob Nero (veja a seção “Local de composição”), unem-se para indicar que a carta deve ter sido escrita antes de 64 d.C.

No entanto, quando Eusébio relata que Pedro estava em Roma “no fim” (*epi telei en rhômē genomenos*),⁴⁰ ele parece acreditar que Pedro estava em Roma apenas no fim da vida. O livro de Atos, todavia, termina com Paulo em Roma (At 28.30,31) sem nenhuma indicação de que Pedro também estava presente. Entretanto, se datarmos as cartas enviadas por Paulo da prisão (Efésios, Filipenses, Colossenses, Filemom) entre 60 e 62 d.C., enquanto ele esteve preso em Roma, é curioso o fato de não haver menção de Pedro em nenhuma das quatro cartas. Se Pedro estivesse presente ali naquela época, seria difícil compreender declarações como Filipenses 2.20,21, referindo-se a Timóteo: “Porque não tenho nenhum outro com esse mesmo sentimento, que sinceramente cuide do vosso bem-estar. Pois todos buscam o que é seu, e não o que é de Cristo Jesus”. Além disso, em Colossenses 4.10,11, Paulo menciona apenas Aristarco, Marcos, primo de Barnabé, e Jesus,

³⁹Veja Tácito, *Anais* 15.44.

⁴⁰*HE* 3.1.2.

chamado Justo; então acrescenta: “Dentre a circuncisão, são só esses os meus cooperadores no reino de Deus, os quais me têm sido consolo”. Ele também menciona “Lucas, o médico amado” e outros em Colossenses 4.2-14, mas não há nenhuma referência a Pedro (e é difícil imaginar que Paulo não considerasse Pedro um “cooperador”).

De modo semelhante, podemos supor que se Paulo estivesse em Roma na época em que 1Pedro foi escrita, Pedro teria mencionado sua presença e enviado cumprimentos de Paulo, visto que algumas das igrejas às quais ele estava escrevendo haviam sido fundadas por Paulo. Em 1Pedro 5.12,13, porém, ele menciona apenas Silvano e Marcos.

Esses fatores se juntam para indicar que 1Pedro não foi escrita antes de Paulo sair de Roma, talvez em 62 d.C. (se aceitarmos que os eventos narrados em 1 e 2Timóteo e Tito dizem respeito ao que aconteceu com Paulo depois de ele ter sido libertado de sua primeira prisão em Roma).⁴¹

Isso nos deixa com uma data entre 62 e 64 d.C. para 1Pedro. Ademais, se também aceitarmos que 2Pedro foi escrita por Pedro após 1Pedro, será preciso atribuir algum tempo para a composição de 2Pedro, talvez entre 63 e 64 d.C. (ou 65-66, se Pedro morreu depois, durante a perseguição de Nero).⁴² Isso empurraria a data de 1Pedro para o início do período admitido, situando-a em 62 ou 63 d.C. Todavia, apesar de 62 ou 63 parecer a data mais provável de composição da carta, deve-se lembrar que as evidências utilizadas para definir 64 d.C. como a data mais tardia possível estão mais bem firmadas em dados históricos, ao passo que é preciso admitir que muitos argumentos a favor da data mais remota são baseados no silêncio.

4. Destino e leitores

O destino da carta é declarado no primeiro versículo: “... eleitos peregrinos da Dispersão no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia”. Hort afirmou em 1898 que esses nomes descreviam a rota a ser seguida pelo portador da carta em sua viagem por quatro províncias romanas ao sul do mar Negro, na região hoje chamada Ásia Menor, atualmente parte da Turquia.⁴³ Sua

⁴¹Guthrie, *NTI*, p. 589-99.

⁴²Ibidem, 850.

⁴³“The provinces of Asia Minor included in St. Peter’s address”, in: Hort, *1 Peter*, p. 154-84, esp. p. 183-4.

afirmação foi amplamente aceita,⁴⁴ embora tenha sido profundamente aprimorada e corrigida em detalhes por Colin Hemer.⁴⁵ Hemer argumenta que os únicos portos e rotas comerciais possíveis exigiriam que um mensageiro seguisse uma rota a partir de Amiso (atual Samsun), passando por Amasia no leste da Galácia, Zela, Cesareia na Capadócia, Icônio, Antioquia da Pisídia e Laodiceia. Então, talvez, se o tempo permitisse, ele passaria por outras igrejas da Ásia (Colossos? até mesmo Éfeso?) e, finalmente, chegaria a Niceia, Nicomédia e Calcedônia. De lá, o mensageiro poderia embarcar em um navio nas proximidades de Bizâncio e voltar a Roma. (Veja o mapa na p. 20).

Essa rota circular significa que todos os principais centros de influência cristã na Ásia Menor seriam alcançados pela carta. Além do mais, poderiam ser feitas cópias a cada parada para distribuição às igrejas menores de cidades vizinhas.

Contudo, se todas as igrejas da Ásia Menor em 62-63 d.C. foram alcançadas por essa carta e eram seus principais destinatários, então a questão sobre Pedro estar escrevendo para cristãos gentios ou cristãos judeus já está respondida. A essa altura, mais de trinta anos após o Pentecostes, o rápido crescimento da igreja significaria a presença de cristãos tanto judeus como gentios em todas essas igrejas. Portanto, apesar de Pedro usar uma terminologia judaica em relação a seus leitores (por exemplo, observe a expressão “peregrinos da Dispersão” em 1.1), ele está apenas aplicando à igreja na era da nova aliança um vocabulário antes adequado ao povo da aliança com Deus, os judeus (veja o comentário em 2.10 e a argumentação sobre o tema da igreja como o novo povo de Deus).

A carta traz várias indicações de que Pedro supunha haver um grande número de cristãos gentios entre seus leitores. Ele afirma “fostes resgatados da vossa maneira fútil de viver, recebida por tradição dos vossos pais” (1.18) e “antigamente, não éreis povo; agora, sois povo de Deus” (2.10), algo que ele dificilmente diria sobre judeus convertidos. Ele diz que a vida de seus leitores estava cheia de pecados atípicos dos judeus: “Porque basta que no tempo passado tenhais cumprido a vontade dos gentios, andando em libertinagem, prazeres, embriaguez, orgias, bebedeiras e idolatrias repulsivas” (4.3). Então acrescenta que os incrédulos “acham estranho que não vos juntais a eles na

⁴⁴Guthrie, *NTI*, p. 792-3, aborda algumas outras teorias, das quais nenhuma auferiu grande aceitação.

⁴⁵“The address of 1 Peter”, *ExpT* 89 (1978), p. 239-43.

mesma carreira desenfreada de licenciosidade” (4.4), algo que não causaria surpresa aos incrédulos se os cristãos fossem, anteriormente, judeus que seguiam os rigorosos padrões morais do judaísmo do primeiro século.

No entanto, sem dúvida havia judeus convertidos nessas igrejas, pois até no Pentecostes estavam presentes pessoas que vieram da “Capadócia, do Ponto e da Ásia” (At 2.9). Portanto, o melhor que se pode afirmar é que essas igrejas eram congregações mistas formadas por cristãos judeus e gentios.

5. Propósito

Visto que muitas exortações em 1Pedro dizem respeito à fé e à obediência, pode-se dizer que o propósito da carta é encorajar os leitores a crescer em confiança e obediência a Deus em todos os aspectos da vida, mas principalmente em face do sofrimento. Pedro cumpre seu propósito apontando o que Deus fez por eles em Cristo e, em seguida, aplicando isso à vida dos leitores. Esses temas serão estudados com mais detalhes ao longo da exposição do texto, mas aqui basta observar um versículo, que talvez seja o que melhor resume tais preocupações em toda a carta: “Portanto, os que sofrem segundo a vontade de Deus devem confiar a vida ao fiel Criador, praticando o bem” (4.19). Aqui se veem os temas do sofrimento (“os que sofrem”) e da confiança em Deus (o sofrimento ocorre “segundo a vontade de Deus”, devendo levar os leitores a sempre confiar a vida [ou alma] “ao fiel Criador”). Além disso, tal confiança em Deus deve ser acompanhada pela obediência, pois eles deveriam continuar “praticando o bem”.

No início de seu valioso comentário de 1Pedro, o arcebispo Robert Leighton escreve:

Essa excelente epístola (plena de doutrina evangélica e autoridade apostólica) é um resumo breve, porém claro, das consolações e instruções necessárias para encorajar e orientar o cristão em sua jornada para o céu, elevando seus pensamentos e desejos em direção a essa felicidade, e fortalecendo-o contra todos os obstáculos no caminho, tanto da corrupção interior quanto das tentações e aflições que vêm de fora.

Os tópicos doutrinários nela contidos são muitos, mas os principais, os mais enfatizados, são estes três: *fé*, *obediência* e *paciência*, a fim de firmá-los naquilo em que creem, dirigi-los no fazer e consolá-los no sofrer.⁴⁶

⁴⁶Leighton, p. 9.

6. Natureza e possíveis fontes de 1Pedro

a. Um sermão batismal?

Dizer que o batismo é mencionado apenas uma vez em 1Pedro (3.21), e ainda assim de passagem, para alguns pode parecer o mesmo que afirmar o que todos já sabem, mas têm dificuldade em admitir. O índice do comentário de Kelly, por exemplo, lista não menos de 47 trechos onde ele estuda o batismo no curso de sua análise de 1Pedro. E muitos têm seguido a visão de Preisker de que 1Pedro é uma liturgia lida em um culto de batismo (o batismo em si ocorre entre 1.21 e 1.22).⁴⁷ O professor Moule, porém, lista diversas objeções decisivas à visão “litúrgica”.⁴⁸ Resumindo, 1Pedro assume tão completamente a forma de uma carta endereçada a leitores distantes de qualquer culto local, que é difícil imaginar que em sua origem o texto tivesse forma e propósito tão distintos. Guthrie observa: “As diversas ocorrências de ‘agora’ na epístola não precisam ser consideradas indícios de uma liturgia em curso (como supõe Preisker), mas a conscientização por parte dos cristãos da importância do presente em sua perspectiva escatológica”.⁴⁹

Contudo, ainda que 1Pedro não seja uma liturgia para uso no culto de adoração, será que existem na carta referências frequentes ao batismo? Pense nas seguintes declarações:

- 1.3 nos regenerou para uma viva esperança...
- 1.12 essas coisas, que *agora* vos foram anunciadas
- 1.18 fostes resgatados da vossa maneira fútil de viver, recebida por tradição dos vossos pais...
- 1.22 tendes a vossa vida purificada pela obediência à verdade...
- 1.23 Fostes regenerados...
- 2.2 desejai o puro leite espiritual, como bebês recém-nascidos... (mas veja o comentário sobre esse versículo)

⁴⁷A afirmação original encontra-se em H. Windisch, *Die katholischen Briefe*, revisão de H. Preisker, Handbuch zum Neuen Testament 15 (Tübingen: Mohr, ³1951), p. 156-62. Um excelente enunciado dos argumentos em favor do contexto batismal pode ser encontrado em F. L. Cross, *1 Peter: a Paschal liturgy* (Oxford: Mowbray, 1954), p. 28-35 (Cross argumenta que o culto de batismo ocorria em celebrações da Sexta-Feira Santa.)

⁴⁸C. E. D. Moule, “The nature and purpose of 1 Peter”, *NTS* 3 (1956-1957), p. 4-7; veja também as objeções de Walls em Stibbs-Walls, p. 61-3.

⁴⁹*NTI*, p. 798.

- 2.10 *agora*, recebestes misericórdia.
- 2.25 Porque vivíeis como ovelhas desgarradas, mas *agora* retornastes ao Pastor e Bispo da vossa alma.
- 3.21 o batismo, [que] *agora* também vos salva, o qual não é a remoção da impureza da carne, mas a promessa de uma boa consciência para com Deus, pela ressurreição de Jesus Cristo...
- 4.3 Porque basta que no tempo passado tenhais cumprido a vontade dos gentios...

A partir dessa lista, pode-se ver que a linguagem de Pedro faz várias alusões à nova vida dos cristãos. Ela também pode ser interpretada como referência ao princípio dessa nova vida, ou seja, quando eles creram. Contudo, a simples menção do início da vida cristã não implica uma referência ao batismo. Ademais, vistas isoladamente, essas referências podem em princípio parecer que dizem respeito exclusivamente ao *início* da vida cristã, mas em um exame mais profundo, sobretudo no contexto em que ocorrem, nenhuma delas seria inadequada se aplicada a *todos* os cristãos, incluindo muitos que eram cristãos já havia bastante tempo. As referências ao novo nascimento em Cristo são lembretes oportunos da posse de uma vida espiritual que havia iniciado muito tempo antes. Em 1.3, Pedro se inclui entre aqueles a quem Deus “gerou de novo” (KJV [e ARC]). Assim, Walls observa: “O ato de gerar já foi praticado, e seus resultados foram desfrutados. Ele não pode se referir a algo que ocorresse após 1.21”.⁵⁰

A única referência clara ao batismo em 1Pedro (3.21) aparece apenas de passagem, cumpre uma função breve e certamente não é essencial para o argumento do apóstolo (veja o comentário em 3.21). A tese de que, em sua origem, 1Pedro era uma liturgia ou uma pregação em um culto de batismo segue sem força de convencimento e não configura um contexto satisfatório para a composição da carta. É bem melhor interpretar a carta como um texto que Pedro escreveu para cristãos distantes que precisavam intensamente de seu ensino e incentivo.

b. Possíveis fontes dos ensinamentos de Pedro

Uma questão remanescente diz respeito à possibilidade de identificação das fontes que Pedro teria utilizado na compilação de sua carta, quer se

⁵⁰Stibbs/Walls, p. 60.

encontrassem entre os ensinamentos tradicionais cristãos que circulavam na igreja primitiva, entre códigos morais cristãos ou pagãos (“Haustafeln”)⁵¹ que podem ter sido emprestados e adaptados por Pedro, quer se encontrassem talvez entre os ensinamentos e escritos do apóstolo Paulo, quer ainda na carta de Tiago.⁵²

É digno de nota que, em seu comentário, Selwyn dedica mais de cem páginas (p. 365–466) à análise das fontes de 1Pedro. Ele não encontra nenhuma relação de dependência literária com outros escritos do Novo Testamento, mas depara com muitas indicações de padrões ou estruturas catequéticas comuns amplamente utilizadas na igreja primitiva. Segundo Selwyn, essas conhecidas estruturas foram modificadas e utilizadas por Pedro, Paulo, Tiago e outros.

Entretanto, apesar de interessantes, as tabelas detalhadas de Selwyn contendo temas paralelos em Pedro e outras partes do Novo Testamento não conseguem demonstrar a existência de “estruturas” catequéticas antigas. Muitas das supostas correspondências não configuram exatamente paralelos verbais nem paralelos conceituais. São apenas afirmações sobre tópicos afins de interesse geral, muitas vezes envolvendo questões éticas ou assuntos relacionados à natureza da vida cristã. Todavia, com base nesses dados, podemos concluir apenas que havia muitas ideias comuns e ensinamentos semelhantes na igreja do primeiro século. Tudo isso pode ser satisfatoriamente explicado por meio dos antecedentes veterotestamentários comuns a todos, dos ensinamentos de Jesus e dos conhecimentos compartilhados pelos apóstolos à medida que o Novo Testamento era formado. Postular a existência de estruturas catequéticas um tanto fixas (ou a adaptação de códigos morais pagãos, sem que se possa provar uma relação extensa e precisa com os mandamentos neotestamentários) não é algo que decorre naturalmente das evidências nem ajuda a entender os textos em si. Guthrie está correto quando afirma: “Até que ponto a catequese pode ser isolada dos escritos e que valor

⁵¹Um claro enunciado da visão de que os códigos morais neotestamentários estão sob a influência de certos códigos morais comuns no mundo pagão pode ser encontrado em J. W. C. Wand, *The general epistles of St. Peter and St. Luke* (London: Methuen, 1934), p. 3–9 (veja, em especial, a tabela na p. 7. As correspondências apontadas não têm clareza suficiente para convencer).

⁵²Bigg, p. 23, lista alguns paralelos bem próximos com Tiago, mas os argumentos a favor da influência de um em relação ao outro são inconclusivos. Não dispomos de dados suficientes para chegar a uma conclusão confiável.

específico isso teria, caso tal separação fosse possível com algum nível de certeza, é algo que continua indefinido”.⁵³

Bultmann e Boismard também tentaram identificar fragmentos de hinos antigos em 1Pedro, mas Guthrie tem razão quando observa que eles não foram nada convincentes. Em outra questão, acerca da afirmação (feita por Perdelwitz em 1911) de que diversas partes de 1Pedro podem estar relacionadas a elementos de ensinos oriundos de religiões de mistério gregas, Selwyn comenta acertadamente: “A afirmação de que o autor deve qualquer de suas principais ideias a religiões de mistério deve ser rejeitada por estar completamente desprovida de comprovação”.⁵⁴

Mais convincente é a iniciativa de R. Gundry, que tenta encontrar palavras de Jesus que ecoam em 1Pedro.⁵⁵ Apesar de não apresentar muitas correspondências verbais exatas de qualquer tamanho, ele expõe um extraordinário número de paralelos em forma e conteúdo, os quais, considerados em conjunto, levam-nos a crer que Pedro escrevia com bastante conhecimento dos ensinos de Jesus, quer por lembrança pessoal, quer por contato com alguns dos primeiros relatos dos evangelhos.

7. Temas proeminentes em 1Pedro

Diversos assuntos aparecem com razoável frequência nessa breve carta, tais como santidade de vida, os sofrimentos de Cristo, o sofrimento do cristão, a soberania de Deus na salvação e na vida, a graça de Deus, a obra do Espírito Santo, a igreja como o novo povo de Deus, a realidade do mundo espiritual invisível e a confiança em Deus com relação às circunstâncias diárias. Esses temas podem ser apenas mencionados aqui, pois as limitações de espaço desta série de comentários e o desejo de dar um tratamento mais completo à interpretação de diversas passagens difíceis no texto impedem-nos de estudá-los nesta introdução.

⁵³*NTI*, p. 807, com notas bibliográficas adicionais.

⁵⁴Selwyn, p. 311.

⁵⁵R. Gundry, *NTS* 13 (1966-1967), p. 336-50, e (respondendo a objeções) *Biblica* 55 (1974), p. 211-32.

COMENTÁRIO

1. SAUDAÇÃO: PEDRO, O APÓSTOLO, AOS PEREGRINOS SOB OS CUIDADOS ETERNOS DE DEUS (1.1,2)

1. O autor se identifica como *Pedro, apóstolo de Jesus Cristo*. Antes do Novo Testamento, a palavra “apóstolo” (*apostolos*) era usada eventualmente e tinha o sentido geral de “mensageiro”. Segundo os evangelhos, porém, Jesus atribuiu um sentido mais rico ao termo ao designar doze de seus discípulos como “apóstolos” (Lc 6.13). Após o Pentecostes, aqueles que haviam sido discípulos (“alunos”) de Jesus assumiram o papel de apóstolos (At 1.25).

A suprema importância dos apóstolos é indicada pelo fato de que “de Jesus Cristo” não é vinculado a nenhuma outra função no Novo Testamento. Em parte alguma se lê “mestres de Jesus Cristo”, “profetas de Jesus Cristo” ou “evangelistas de Jesus Cristo”, mas apenas “apóstolos de Jesus Cristo”. Os que exerciam tal função tinham autoridade ao menos equivalente à dos profetas do Antigo Testamento, pois os apóstolos falavam e escreviam as palavras do próprio Deus (At 5.3,4; Rm 2.16; 1Co 2.13; 14.37; 2Co 13.3; Gl 1.8,9; 1Ts 2.13; 4.8,15; 2Ts 3.6,14; 2Pe 3.2), de modo que redigiram o que um dia se tornaria o Novo Testamento (1Co 14.37; 2Pe 3.16; conforme Ap 22.18,19; 1Ts 5.27; 2Ts 3.14).

As palavras introdutórias, portanto, lembram aos leitores que Pedro está escrevendo no exercício de sua função de apóstolo de Jesus Cristo: suas palavras também são palavras de Deus, e, como tais, devemos recebê-las.

No trecho seguinte, as palavras *aos peregrinos da Dispersão* traduzem literalmente a expressão grega. (A RSV [e a A21] inclui a palavra “eleitos” no v. 2.)

O termo “peregrinos”, *parepidēmos*, sempre se refere a um residente temporário em local estrangeiro. Abraão referiu-se a si mesmo como “estrangeiro e peregrino” (*parepidēmos*) entre os heteus (Gn 23.4, LXX). Hebreus 11.13 diz que todos os heróis da fé, de Abel a Abraão, reconheceram ser “estrangeiros e peregrinos (*parepidēmoi*) na terra”. O verbo cognato é utilizado em um decreto do rei do Egito que determinava que visitantes não poderiam *peregrinar* (*parepidēmēō*) por mais de vinte dias em Alexandria, pois muitos estavam se afeiçoando à vida confortável na próspera cidade e negligenciando as atividades agrícolas nas zonas rurais (*Epístola de Arístes*, 110; 1Clemente 1.2).

Esses exemplos mostram que “peregrinos” é de fato a melhor tradução, em detrimento de “exilados” (RSV), pois a palavra não tem conotação de

forçar alguém a habitar longe de sua terra natal. Da mesma forma, o termo “estrangeiros” (KJV [e ARC]; NIV traz “estrangeiros no mundo”) pode dar a entender, incorretamente, que eles não eram conhecidos entre seus vizinhos, mas esse não era o caso, por exemplo, de Abraão (Gn 23.4,5) nem de outros santos do Antigo Testamento (Hb 11.13). Melhor é a opção da NASB, “aqueles que residem como estrangeiros”, que, embora mais longa, capta a ideia de residência temporária fora do lugar de origem.

Não há nenhum outro exemplo na literatura judaica ou cristã em que o escritor qualifique “peregrinos” com o adjetivo “eleitos” (*eklektos*), como Pedro faz aqui. No Novo Testamento (onde aparece 22 vezes), a palavra sempre se refere a pessoas escolhidas por Deus *dentre* um grupo de outras não escolhidas, *para* serem incluídas entre o povo de Deus como beneficiárias de grandes bênçãos e privilégios (Mt 20.16; 24.31; Rm 8.33 etc.). Muitos dos leitores de Pedro haveriam de detectar nessa palavra ecos do uso que a LXX faz em referência a Israel, o povo “escolhido” de Deus (Sl 89.3 [LXX 88.4]; 105.6,43 [LXX 104.6,43]; 106.5 [LXX 105.5]; Is 42.1; 43.20; 45.4; 65.9,15,22 [LXX 23]), e concluiriam que Pedro os considerava detentores de uma condição privilegiada diante de Deus, ao menos equivalente à condição usufruída pelo povo escolhido que Deus protegeu, preservou e abençoou no Antigo Testamento (veja 1Pe 2.4–10).

Desse modo, a expressão “eleitos peregrinos” vale por um sermão de duas palavras para os leitores de Pedro: eles são “peregrinos”, não no sentido secular (pois muitos certamente tinham morado em uma só cidade durante toda a vida), mas espiritual. Sua verdadeira pátria era o céu (veja Fp 3.20); por isso, qualquer residência na terra era temporária. Ademais, eles são peregrinos “eleitos”, a quem o Rei do universo escolheu para formar seu próprio povo, para desfrutar de sua proteção e habitar em seu reino celestial.

A *Dispersão* (*diaspora*) era um termo usado por judeus de idioma grego para se referir ao povo judeu “espalhado” entre as nações, “disperso” de sua terra natal, Israel (veja Jo 7.35). Tanto aqui como em Tiago 1.1, o termo “Dispersão” se refere a cristãos, mas isso não implica que Pedro estivesse escrevendo apenas para cristãos judeus (veja na “Introdução”, “Destino e leitores”). Em vez disso, o termo possui aqui um novo sentido espiritual, referindo-se a cristãos que foram “dispersos” pelo mundo e vivem longe do lar celestial (mas com a esperança de um dia estar ali). A palavra assim reforça o sentido de “peregrinos” e acrescenta a ideia de que eles fazem parte de uma dispersão de cristãos por “todo o mundo”.

COMENTÁRIOS BÍBLICOS DA SÉRIE CULTURA BÍBLICA

Os comentários da Série Cultura Bíblica foram elaborados para ajudar o leitor a alcançar uma compreensão do real significado do texto bíblico.

A introdução de cada livro dá às questões de autoria e data um tratamento conciso, embora completo. Isso é de grande ajuda para o leitor, pois mostra não só o propósito de cada livro como as circunstâncias em que foi escrito. É também de inestimável valor para professores e estudantes que buscam informações sobre pontos-chaves, pois aí se vêem combinados o mais alto conhecimento e o mais profundo respeito com relação ao texto sagrado.

Veja a riqueza do tratamento que o texto bíblico recebe em cada comentário da Série Cultura Bíblica:

- Os comentários tomam cada livro e estabelecem as respectivas seções, além de destacar os temas principais.
- O texto é comentado versículo por versículo.
- São focalizados os problemas de interpretação.
- Em notas adicionais, as dificuldades específicas de cada texto são discutidas em profundidade.

O objetivo principal dos comentários é buscar o verdadeiro significado do texto da Bíblia, tornando sua mensagem plenamente compreensível.